

MEU LENÇO DE BOLINHAS AZUIS¹

*Augusto Cesar Nunes*²

O relógio condena a chegada do mal, são dez horas, hora de dormir! Observo minha cama, perfeitamente arrumada com os lençóis presos na parte de baixo. Tudo obra dela. Aparentemente desta forma não corro o risco de os lençóis caírem enquanto durmo. Queria poder esfregar na sua cara que sempre que todos saem, bagunço tudo de novo. Mas, mesmo depois de bagunçar, ainda existe um vazio, falta algo, quer dizer, alguém: ele. Mas não era possível, nunca seria, razão pela qual me apego a um lenço. Meu lenço, de bolinhas azuis. O único caminho que me ajuda a manter as aparências. Afinal eu devia, mas não queria, ser uma moça exemplar. Uma risada. Um gemido. A prostituta se abria como uma cadela no cio. Outro gemido. Mais um. E então um silêncio sepulcral. Até o barulho infernal dos gatos de rua seria melhor que isso.

Os raios de luz pela janela anunciavam mais um dia em meu inferno particular. Mais uma noite vencida. Uma batalha, mas não a guerra. Até quando? O diabo que me persegue não me deixa esquecer. Observo que novamente as roupas sujas foram retiradas e o quarto organizado logo cedo, antes do meu despertar. O lenço. "Cadê?". Vasculho cada parte do quarto minuciosamente arrumado por ela. Credo, aposto que o fogo é a única maneira de purificar o ambiente da podridão metódica que a acompanha. O lenço estava comigo pela noite, dormiu comigo. Sem perceber minhas mãos correm para meu sexo. Mas hoje o diabo não me fez ficar suja novamente, por isso procuro deixar minha mente o mais limpa possível. Uma olhada por cima da organização me permite notar que aquilo não me representa. Os espelhos e bonecas. Não sou assim, nunca fui. Não preciso de nada daquilo, apenas do lenço. Onde está?

Procuro, mas algumas coisas nunca mudam. Eu peço com carinho, com jeito, sou relativamente gentil, e por vezes ainda esboço uma carinha de cachorro com fome, mas nada. Custa muito dizer se viu meu lenço? Te prometo que abaixar sua xícara de chá não vai ser um grande esforço, ou vai? Das vezes que você me pediu, fui sem nem pestanejar, não doeu, pelo menos não fisicamente. É só isso, te prometo, depois que eu achar o lenço você pode voltar a

¹ Texto recebido em 20 de setembro de 2018 e aceito em 20 de novembro de 2018. Texto orientado pelo Prof. Me. Nilton Cesar Tridapalli (Universidade Positivo).

² Pós-graduando do Curso de Especialização em Comunicação e Cultura da Universidade Positivo.
E-mail: gutoc.nunes@gmail.com



colocar sua coroa e reinar sobre minha vida como uma tirana sádica que é. Uma náusea me sobe, o gosto do vômito só não é pior do que repetir forçadamente: "Ana, você viu meu lenço de bolinhas azuis-escuras? Por favor". Como previ: Nada, apenas um boquiaberto "O que é isso?". Ao que respondo desinteressada "É seu nome, não é?". Saio do quarto.

Não é de agora, sempre foi assim. Ana sempre foi o centro gravitacional da família. Ela atraía para si os mimos, os amigos e os homens. E para aumentar seu poder atrativo, o que melhor que um bebê crescendo em sua barriga? Mais um ratinho pra dividir o trono. Sinto o ar ser barrado em meus pulmões, a claustrofobia me preenche, engaiolada num lugar que não me deixa mover um músculo, pelo menos não de maneira decente. Farsa. Era para ser eu. A mãe daquele monstrinho que promete iluminar o dia de qualquer um.

Sou a pessoa ranzinza que todos acham que vai morar com os pais a vida inteira sem reclamar. Sou um micróbio, um detalhe transparente, ou tão feia que as pessoas não demonstram a mínima vontade de me olhar, de me encarar. Por isso digo, devia ser eu a ficar com uma barriga enorme, eu a ter enjoo e a trazer à tona as histórias de gravidez e vergonhas alheias.

Dizem que a gravidez te inunda de feminilidade e luz, transforma seu corpo, sua mente e espírito. Não quero filhos, quero apenas mudar. Poder me olhar no espelho procurando algum traço que me faça sentir digna. Menos manchada, menos atormentada pelo diabo. Desde os onze anos eu escuto uma voz me dizendo coisas lamacentas como piche fervente. Certa vez ele me tocou tão fundo que meu corpo reagiu e vazou. Tive que lavar minha calcinha de madrugada, sem que ninguém visse. Enquanto a tentação continuava, eu aprendi a ser como os mendigos que pedem esmola na rua, e até hoje parece que não valho o esforço de um olhar.

Minha alma está condenada e tudo o que eu quero é essa mudança que promete trazer paz, alívio e a possibilidade de conseguir dormir pelo menos uma noite me sentindo normal, digna e linda. Tudo o que acalenta o resto de alma que habita meu corpo é um maldito lencinho de bolinhas azuis que ninguém me ajuda a procurar. "Que lencinho bonito, Selma, onde o comprou?", me perguntaram. "Eu ganhei", respondi mais rápido que um raio iluminando o céu em um dia de tempestade. Não era de se esperar que alguém como eu atraísse o olhar de alguém. Devem achar que eu ganhei de uma amiga ou de alguma velha senhora em bazar de igreja, talvez. Mas não. Eu o ganhei de presente, dele, que me era proibido. O responsável pela condenação da minha alma.

Mas, mesmo que o dia fosse mais doce sabendo que o lenço era um presente, eu não poderia compartilhar essa alegria. Jamais, não me era permitido. Eu não podia tê-lo. Eu não era ela. E não importa o quanto eu tente eu jamais serei igual a Ana. A maldita se movimentava como uma pena caindo. Seu andar me afetava os nervos a ponto de me trancar no quarto e cravar minhas



unhas grandes na madeira até meus dedos sangrarem. Que ela um dia possa saber o que é ser como eu. Ordinária. Ainda que eu tenha juventude, algo que lhe falta, eu não basto, nasci quebrada como um brinquedo que não funciona. Ana não passa de uma mimada. Se pudesse, torceria cada articulação de seu corpo, a faria gritar horas e horas para que aqueles gritos de agonia pudessem me trazer paz. Gritar pelo seu crime, por seu assalto á minha vida.

“Uma surpresa pra você”. Ouvi o ganido mole vindo lá da cozinha, seguida de suspiros e vozes. “Flores, que romântico...”. Quando o vejo procuro imaginar com detalhes o dia e a maneira que ele escolheu o lenço de presente pra mim. Aposto que seus olhos brilharam quando lhe roubei os pensamentos no momento em que viu o lenço. Imagino, pois minha memória jamais me permitiria recordar. Então eu inventava, uma série de possíveis situações que envolveram aquele presente, imaginava pois não havia lembrança.

Como quis ser a única razão do seu respirar, e ser aquela que você dedicaria músicas piegas e toda essa porcaria melosa. Mas ele não poderia ficar comigo, eu sabia, desde sempre. Ele olhou pra mim. Me via, seu olhar não me atravessava, parava, se demorava sobre mim. Eu tinha carne, corpo, importância. E ele era meu diabo. Aquele que nunca convidei a entrar e que ainda assim trouxe luz aos meus olhos sem vida.

Quando Ana ficou mais fraca pela gravidez, fui sua empregada. Alguém tinha que preparar a casa para quando fosse a hora da ratazana dar cria. Minha avó também me ajudou, continuava repetindo da maneira mais pontiaguda possível “Está errado, Ana coloca o lençol por baixo do colchão e depois as cobertas”. Por sua vez, ele me via como uma santa ajudando Ana. Sempre imaginava como seria sentir aqueles braços me envolvendo igual uma cobra prendendo sua presa, trazendo a tona toda sujeira que me era descrita pelos ministros da igreja como o pecado da luxúria. Eu queria pecar, eu já estava perdida. “Amor, preciso de ajuda”. Ana como sempre levantando muros entre mim e ele, dramática, se pudesse atearia fogo em seus cabelos de anjo. Espero que morra sofrendo. A criança também.

“Selma, venha aqui”, ao que repliquei “Que foi Ana?”, seu olhar cansado se demorou em mim, “Até quando vai continuar com isso Selma?”. A resposta escorregou por minha garganta gelada, “É seu nome não é? O que você precisa?”. Sustentei o olhar e depois fingi um sorriso. Devo ter parecido uma cobra com os olhos fixos nela e em sua enorme barriga. Pronta para o bote, minha presa era a mulher que arruinou minha vida e seu pequeno feto. Reparo no pescoço de Ana. Como se atreve? Como pôde ser tão baixa e mesquinha? Sua nojenta, tire já do pescoço. “Ana, me devolve o lenço”, e ela me encarou. Arregalou os olhos da maneira mais patética que já vi, “Calma, Selma, peguei emprestado, estou cheia de hematomas”, puxei o lenço com tanta força que pude ouvir um estalo. Gozo. Som divino.



“Cuidado, Selma!” exclamou enquanto apalpava o pescoço. Saí desejando que ela nunca tivesse engravidado. Faria tudo só pra colocar um espeto e fazer um assado com ela e a criança. “Selma, o jantar está pronto”, gritou minha avó da cozinha. Como posso comer se o nó em minha garganta trava tudo? Corri para a despensa, equilibrando as lágrimas. Maldita ladra. Se ao menos eu pudesse findar minha vida. Terminar de afundar o navio defeituoso que sou. O anjo da morte se revelou, da mesma forma que meu reflexo no espelho: sujo e frio. Veneno de rato.

Não me custava. Não causaria ausência perceptível. Apenas abraçar o velho espírito sujo que me sussurrava pensamentos vis. “Ana, quer carne ou só os legumes?”, gritou minha avó. “Legumes, por favor, não estou bem”. “Deixa que eu levo, vó”, gritei, antes de perceber a brilhante ideia que me foi sussurrada. “Pode deixar que enquanto eu ajudo Ana você pode terminar o casquinho para o neném”, disse forçando um sorriso que não conseguiria sustentar por mais que alguns segundos. “Obrigada querida! Só os legumes! E limpe o fogão quando trouxer o prato sujo”, ao que respondi “Perfeitamente”.

Senti um misto de queimação na barriga, a náusea me puxava para o chão, meu coração batia tão forte que a qualquer momento sentia que seria rasgada ao meio. Era agora. Meus dedos sujos seguravam o ingresso da vitória. “Parece bom” disse minha paixão. “E está, mas não é para você! É para a gravidinha”, subi sorridente. Era um sinal, vê-lo me deu a coragem que faltava para abraçar a promessa da minha terra prometida. Juntos. Limpei novamente os dedos sujos de caldo de legumes na parede, como um cachorro que marca o território.

Ana comeu. Lambeu o prato. Repetiu. “Nossa, que delícia! Ouso dizer que a primeira pratada estava mais saborosa que esta!”, ao que apenas sorri e disse “Descanse”.

Segundos esmagavam os minutos que culminaram em horas. Uma pequena morte em mim em cada virada do ponteiro e a cada “tic tac”. Até que a hora veio. O anjo da morte. Mas não seria eu a ser levada. Apontei para Ana. E seu rosto pálido esfriou o último resquício da chama da vida. “Socorro”, gritei tentando cobrir um gozo escancarado em meus lábios. “Socorro”, consegui. As lágrimas vinham naturalmente, incrível como sentia a vida fluindo de seu corpo para mim. O troféu gelado ali na cama me trazia a vida. Todos choraram. Já não havia mais Ana, apenas uma casca velha que jazia numa cama perfeitamente organizada.

Incrível como seu poder era meu agora. Sentia os raios de luz que minha pele emanava. E com esse resplendor, eu cuidaria da situação, como a mulher forte que agora eu era. Todos caíram, menos eu. O dia do enterro estava lindo, céu limpo, uma leve brisa e um calor reconfortante. Que belo dia! Que bela vida! Joguei uma rosa sobre seu caixão, bem como o lenço de bolinhas azuis. Usei



um vestido preto com as luvas de seda de Ana. Meu amor estava inconsolável, mas agora eu assumiria. Ele não precisava mais se preocupar. Eu receberia os pêsames dos convidados e os acompanharia até seus respectivos carros. Por ele.

Após o enterro me sentei ao seu lado e disse soando como um rouxinol “Deixei meu lenço para protegê-la. O lenço que você me deu”, ele sorriu com leveza. “Você ainda nem era nascida, mas eu já sonhava com nossa família”, replicou ele cobrindo os olhos em prantos. “Também sentirei falta da mamãe, mas ela está bem! Eu cuidarei de você de agora em diante, papai”.

